

Écos de Guimarães

XIV Ano — Número 520

DIRECTOR E EDITOR — João Pereira da Costa

2.ª Série — 7.º Ano — N.º 26

Redacção, Gerência e Oficinas
45 — Rua do Gravador Molarinho — 49
CASA LUSITANIA

PUBLICAÇÃO AOS SABADOS
Guimarães, 7 de Julho de 1928

Assinatura por Ano
Cidade 12\$000 reis, pelo coerrio 15\$000 reis
BRAZIL, 25\$000 REIS

Comemoração

DO

Oitavo Centenário da Batalha de S. Mamede

Na ocasião em que escrevo estas ligeiras impressões, festeja-se nesta terra, uma das mais históricas de Portugal, o oitavo centenário da Batalha de S. Mamede, decorrido, segundo boas opiniões, em 24 de Junho há pouco findo.

Não se realizaram as festas no dia próprio, por motivos certamente razoáveis, nem outra coisa era de esperar.

O povo, muitas vezes sensato nas suas apreciações, costuma dizer que o que se não faz no dia de Santa Luzia se faz ao outro dia.

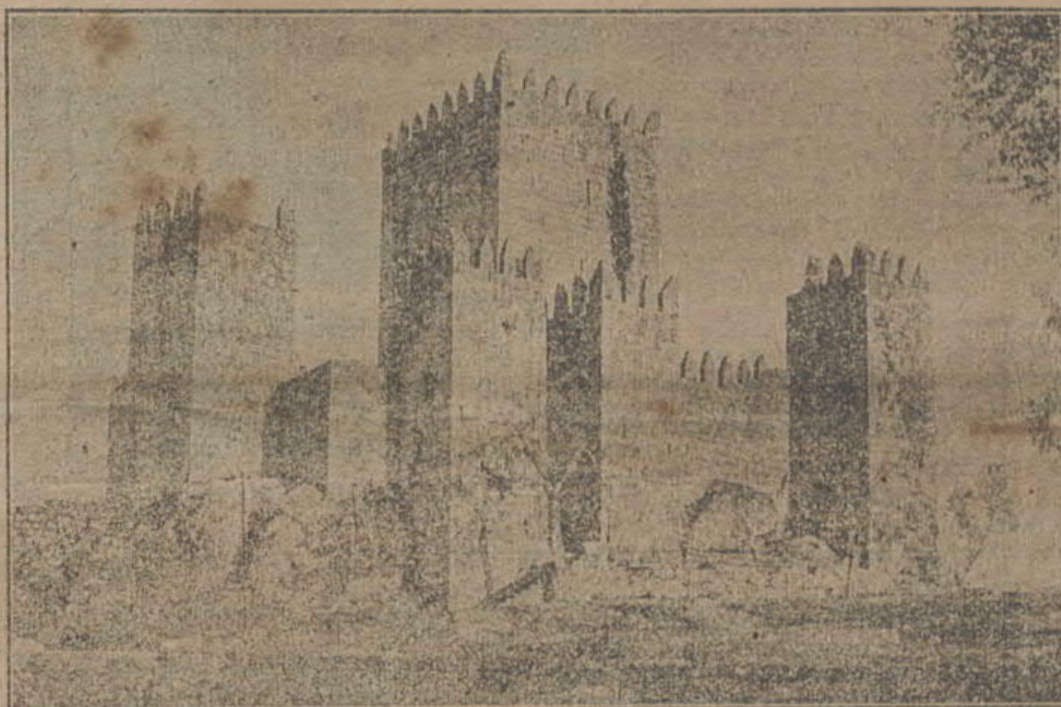
Nem é caso para aplicar aqui o princípio, também popular, de que a Semana Santa se pode celebrar, e se celebrou, se isso é verdade, em algumas terras de Portugal, em Agosto, por motivos talvez atendíveis.

Bom foi que, contudo, não esquecesse uma data das mais memoráveis da história de Portugal. Quem vive em Guimarães tem neste caso uma responsabilidade especial. Mas a festa não devia ser só de Guimarães, mas de todos os Portugueses.

No dia que me parecia que era o do oitavo centenário da memorável Batalha, não me esqueci de ir dar uma volta ao velho Castelo, para representar na minha mente quadros que, de alguma maneira, já tinha vivido. Mas devo dizer, com pesar, que me não encontrei lá com quasi ninguém, para não dizer com ninguém.

Nem me parece que a hora diferente daquela a que eu lá fui, antes ou depois, lá fôsse muita gente com um fim patriótico.

Julgava eu que esse dia era destinado a uma romagem cívica — como cívicas são, em boa parte, as nossas romarias —; e que, por isso, muita gente lá deveria ir em comemoração não



Castelo de Guimarães

fúnebre, embora o facto lembrasse vítimas, mas festiva, por causa da alegria que a Batalha trouxe a Portugal.

Sentei-me perto do Castelo em vários sítios; examinei-o, mais uma vez, com a atenção de que eu era capaz. Imaginei ver que dali se levantava uma pomba, símbolo da inocência e da paz, que revelasse a boa nova, que daquele sítio teria partido há oito séculos, a ponto de se fazer conhecida em todas as partes do mundo.

E' a Portugal independente, alto elemento civilizador, que eu quero referir-me.

Oito séculos são alguma coisa na vida dum povo e até na vida da humanidade. Eles fazem tá-bua rasa sobre muitos acontecimentos; mas não os podem fazer esquecer a todos, nem por completo, quando estes são de tal maneira grandes, que se impõem à admiração de quem pense.

Eu não queria, se isso de mim dependesse, que as festas agora realizadas fôsem pouco mais do que uma romaria minhota, ou, para ser mais correcto, pou-

co mais do que uma romaria portuguesa — e as das outras nações serão coisa semelhante —.

«Que outro valor mais alto se alevanta»

— Lusíadas, canto 1.º, estância 3.ª, verso 8.º — sei-o eu bem, e comigo todos os Vimaraneses, todos os Portugueses dignos deste nome.

O Castelo não é só um símbolo sagrado da Pátria; é o também da Religião, como ela era entendida naqueles longínquos tempos, em que elle foi levantado quasi para insultar o céu, pela sua grandeza, pelo seu alto significado social.

Amanhã, o Reverendíssimo Arcebispo de Braga, grande Português, segundo eu creio, sentirá e fará sentir, na sua alocução, que só poderá ser brilhante, por ocasião da Missa, que celebrará junto do mesmo Castelo, as grandezas de Portugal.

Será soleníssimo esse momento em que, mais uma vez, se mostrará que a espada e a cruz se uniram e se poderão unir para grandes empreendimentos.

A civilização portuguesa foi político-religiosa, como a de to-

dos os povos antigos. Teve, porém, uma feição especial, que lhe permitiu, o que a poucos povos aconteceu, levar às mais distantes terras o influxo da sua cultura, muito brilhante para aquele tempo. Portugal operou um milagre histórico, se não se quiser dizer dum milagre religioso.

Eu não sou daqueles que julgam isenta de crimes, de manchas, toda a civilização portuguesa, que era, como disse, político-religiosa. Mas não levo a mal a ingenuidade daqueles que consideram os grandes homens sempre livres de culpa.

Em Guimarães nasceu o sol de Portugal, que, embora eclipsado, uma vez ou outra, ainda não chegou ao seu poente e oxalá que nunca lá chegue.

As desinteligências lamentáveis, os ódios daninhos, que tem dividido muitos Portugueses, alguns dos quais são patriotas só por escreverem Pátria com um P grande, alguma vez serão menores. Não há mal que sempre dure. Di-lo a sabedoria popular. E o tempo cura muitas doenças.

Mas, como esta divagação já vai bastante longa e talvez pouco agradável, em especial para quem não percebe estes assuntos, eu quero declarar que o meu pensamento é que muita gente, de Guimarães, de Portugal, nunca compreendeu, nunca compreenderá, em toda a sua extensão e intensidade, o nobilíssimo significado da Batalha de S. Mamede.

Nem isto tem nada de extraordinário. Só com uma propaganda longa, bem orientada, o povo, que não tem culpa em ser pouco culto, entenderá mais ou menos dos assuntos patrióticos. Nas outras nações haverá coisa parecida com isto.

E, referindo-me aos festejos agora promovidos em Guima-

Batalha de S. Mamede

(Cont. da 1.ª página)

rães, eu devo registar, porque estou a fazer história, que a unidade de vistas notada aqui, sobre este assunto, não é aquela que eu, que toda a pessoa bem intencionada, desejava.

Se no tempo de D. Afonso Henriques não houvesse em terras de Guimarães um partido bem unido, a Batalha não se teria realizado, ou outro teria sido o resultado dela. Mas eu não estou a censurar ninguém. Não é esse o meu officio. Somente relato factos e aprecio-os conforme sei e posso. Que se lembrem aqueles que pensam de que os factos, e os escritos, que também são factos, permanecem ao menos durante um certo tempo.

Se alguém disser que estas minhas considerações são um pouco tristes e por isso pouco próprias para aqui, eu responderei que seria para mim muito agradável não ter motivo para as fazer. Quando escrevo ou falo digo a verdade.

Mas, para que nem tudo sejam nuvens escuras, que fique bem assente que eu também registo que, se Guimarães não faz bem estas coisas, outras terras de Portugal não fazem melhor.

O acontecimento que se comemora, se não é o maior, e não falta quem admita que o é, da história de Portugal, é, pelo menos, um dos maiores. E por isso ele não interessa só a Guimarães, mas a Portugal.

Ditosa a Pátria que tal feito teve!

ALFREDO DIAS PINHEIRO.

Arrematação

(1.ª publicação)

Pelo Juizo de Direito de Guimarães, e Cartório do 5.º officio, na carta precatória para arrematação de bens vinda do Juizo de Direito da comarca de Braga, e extraída da execução de sentença Commercial que aí move o Banco do Minho, com sede na cidade de Braga, contra Gaspar Teixeira de Souza Silva Alcoforado, conhecido também por Gaspar Teixeira de Menezes Alcoforado, e ex-esposa D. Maria Henriqueta Leite Pereira Valadares de Abreu e Souza, da cidade de Braga, rua de S. Vitor, para serem entregues a quem mais oferecer acima das avaliações respectivas:

No dia 22 do corrente mês, por 13 horas, na freguesia de Ronfe, desta comarca, nos locais onde se encontram.

Diversos bens mobiliários que guarneciam a casa de habitação dos executados, como mobiliário de quartos, salas de jantar, de visitas, escritório, louças, livros, malas, caixas e vasilhas, pulverisadores, e vinho, milho, centeio e feijão, em poder, uns e outros dos depositários respectivos Gaspar Leite da Silva Cardoso, José de Faria e António Pereira da

"Memória sobre a Batalha de S. Mamede,"

Publicamos hoje, com a devida autorização, uma carta que o Sr. Dr. Fidelino de Figueiredo escreveu ultimamente ao Sr. Dr. Alfredo Dias Pinheiro, ilustrado professor do Liceu de Martins Sarmiento, a proposito do seu livro *Memória Sobre a Batalha de S. Mamede*.

Sabemos que semelhante apreciação foi feita em tempos a os *Celtas e Povos com Eles Relacionados*, do mesmo autor, pelo mesmo signatario da carta.

O Sr. Dr. Fidelino de Figueiredo foi dos primeiros, se não o primeiro, que, ha muito, na imprensa, defendeu a comemoração da Batalha de S. Mamede.

Actualmente é Sua Ex.ª Professor da Universidade Central de Madrid e Presidente dos Professores estrangeiros daquela grande Universidade.

E' Redactor do importante jornal «El Debate», de Madrid.

Dirige a «Revista de História» publicação trimestral, com sede na Avenida Duque de Ávila, 112, Lisboa, a qual vai no 16.º volume, sempre dirigida por ele.

Isto além de trabalhos de várias espécies, que lhe são devidos.

Um homem assim honra o nome de Portugal.

Por isso felicitamos sinceramente o Sr. Dr. Alfredo Dias Pinheiro pela criteriosa apreciação que do seu livro fez tam illustre homem de sciencia.

P. S. — O Sr. Dr. Fidelino de Figueiredo manda cumprimentos para os Srs.: Dr. Soares de Oliveira, professor Abel Cardoso, professor José de Pina, capitão Cardoso. E os seus melhores cumprimentos para o sr. coronel Ama-

ral, que ele deveria conhecer, especialmente quando fez uma notável conferencia na benemérita Sociedade Martins Sarmiento.

Madrid, 2 de Julho 928.

Meu caro Dias Pinheiro:

Já li o seu livro sobre a Batalha de S. Mamede, que muito me interessou e pelo qual o felicito. Ele foi talvez a única publicação histórica comemorativa da data augusta do nascimento da Pátria. Aí, em Guimarães, projectava-se fazer uma edição especial, algum número dedicado ao assunto. Ter-se-há realmente feito alguma coisa?

O sr. A. L. de Carvalho escreveu-me a pedir que fizesse algumas investigações a esse respeito na biblioteca de Madrid. Mas como, se eu estive ausente no Norte, apenas chegado, tive o convite de Salamanca, e ordinariamente estou muito occupado. De resto onde alguma coisa deverá haver é no Escorial, onde eu ainda não pude ir desta vez. E tive pena de não ajudar o sr. A. L. de Carvalho.

Agradeço-lhe muito a sua oferta e desejo-lhe o maior êxito de venda, de crítica e de divulgação. Mas não desanime se assim não fôr, porque Portugal sofre duma crise de desinteresse por tudo que implica elevação de espirito.

A sua identificação do lugar da Batalha achei-a muito bem conduzida. Muitos parabens.

Um abraço affectuoso do seu velho e grato amigo e colega

FIDELINO DE FIGUEIREDO.

Silva, todos da sobredita freguesia.

No dia 29 do corrente mês, por 12 horas, à porta do Tribunal Judicial desta cidade.

Bens imóveis sitos no lugar de Mesão-Frio, freguesia de Ronfe, desta comarca.

O Assento do Casal da Lata, composto de casas torres e terras, com lojas, cortes, eirado, cortelho da porta e terreno solto, alpendre de pedra e telhado, descrito na Conservatória sob n.º 29.039, no livro B 81, avaliado em 8.900\$00;

Campo da Erva, lavradio com árvores de vinho, descrito na mesma Conservatória sob n.º 29.040, e avaliado em 13.400\$00;

Campo de Bacêlo, descrito sob n.º 29.041, avaliado em 8.700\$00;

Leira na Agra de Pidre, terra lavradio e avidada, e de mato com carvalhos, descrita sob n.º 29.042, e avaliada em 2.612\$00;

Leira da Agra de Pidre, lavradio e avidada, descrita sob n.º 29.043 e avaliada em 1.040\$00;

Terreno de mato no Outeirinho, inculto, com carvalhos e árvores de vinho, atravessado por caminho público, descrito sob n.º 29.044 e avaliado em 200\$00;

Campo da Bouça ou das Almas, terreno lavradio com árvores de vinho e ramada, e terreno de mato com carvalhos, descrito

sob n.º 29.045, e avaliado em 5.010\$00;

Campo da Bouça ou das Almas, terreno lavradio e avidado, tendo ao poente um pequeno roço com carvalhos, descrito sob n.º 29.046, e avaliado em 5.890\$00;

Bouça do Reconco, terreno de mato com carvalhos e eucaliptos, descrita sob n.º 29.047, e avaliada em 758\$00;

Leira de mato no monte da Albará, terreno de mato com carvalhos, descrita sob n.º 29.048, e avaliada em 240\$00;

Outra leira de mato no mesmo monte, descrita sob o n.º 29.049 e avaliada em 300\$00;

Outra leira de mato no mesmo monte, com carvalhos, descrita sob n.º 29.050, no referido livro B-81, e avaliada em 320\$00.

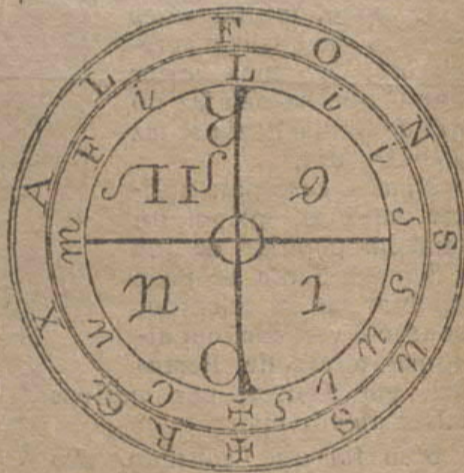
E a propriedade denominada de Requeixo, composta de casas sobradadas e telhadas, pequeno alpendre telhado e colmaço, e terra de horta com árvores de vinho e fruta, descrita na mesma Conservatória desta comarca sob n.º 29.260 no livro B-82, avaliada em 700\$00.

Pelo presente são citados para assistirem à praça quaisquer credores incertos, e também Manuel Machado casado, proprietário, do lugar da Varzea, da dita freguesia de Ronfe, que não foi citado para os termos da execução por ser desconhecido, mas que é cre-

Cortejo civilco

Organização do Cortejo Civico:

- I 5 Arautos montados.
- II Alunos das Escolas, Colégios e Academias.
- III Carro da Agricultura.
- IV Banda de Música.
- V 10 Cavaleiros da Ordem de Cristo.
- VI Associações Oper. com os seus Estandartes.
- VII 10 Cavaleiros da Ordem de S. Tiago.
- VIII Carro da Colónia Vimaranesense no Pôrto.
- IX Corporações da Póvoa de Varzim com seus Estandartes.
- X Banda de Música.
- XI 11 Cavaleiros Ala dos Namorados.
- XII Carro Militar.
- XIII Officiais e Praças graduadas do Exército.
- XIV Carro dos Bombeiros.
- XV Voluntários de Guimarães, Vizela e Taipas.
- XVI 10 Cavaleiros Mosqueteiros.
- XVII Banda de Música.
- XVIII Autoridades Civis, Militares e Eclesiásticas.
- XIX Carro da Cidade.



Sêlo da época de D. Af. Henriques

EMPRESTIMOS

SOBRE PENHORES

Juro mensal 1 o/o e 2 o/o

Casa de Crédito Popular

Caixa Geral de Depósitos

Largo 1.º de Maio.

dor hipotecário pela quantia de 140\$00, de empréstimo a juro.

Guimarães, 3 de Julho de 1928.

O escrivão,

José Maria Baptista Ribeiro.

Verifiquei a exactidão:

O Juiz de Direito,

Artur Valente.

Caldas das Taipas

Na última carta publicada na «Velha Guarda» e assinada por João Baptista Sampaio, segundo frete encomendado no escritório da Joaquininha e talvez bem pago, diz-se que o improvisado correspondente para o «Ecos», é o mesmo indivíduo que foi colhido num processo crime de vadiagem, etc., etc., apresentando como justificação do seu labor na primeira acusação, um cartão de identidade que o dava como correspondente do mesmo jornal.

Antes de narrarmos a história famosa desse processo que constitui um amontoado de sandices filhas do ódio demagógico, não se lembrando o participante dos milhares de escudos que apanhou aos incautos, como muito bem disse o nosso inteligente advogado, devemos dizer ao insidioso Sampaio que possuímos há muitos anos cartão de identidade de correspondente do «Ecos» bem como dos grandes diários de Lisboa a «Voz» e «Século» e da Administração Geral dos Correios e Telégrafos (1.ª Divisão) que nos acredita junto dos mesmos.

E já agora vamos, embora ligeiramente, à história do tal processo. Quando da revolução de 3 de Fevereiro esteve preso no quartel de metralhadoras n. 2, a esse tempo nessa cidade, o dr. Alfredo Fernandes como implicado na mesma revolução. Dada a complacência das autoridades desse tempo e o muito favoritismo, bem conhecido de toda a gente, é posto em liberdade e passados dois meses apresenta contra nós, no tribunal da comarca, queixa como denunciante falsos pedindo a indemnização de 20 mil escudos. E, então, a um vadio pede-se 20 mil escudos de indemnização?

Mas deixemo-nos de divagações, e vamos ao restante. Como testemunhas do caso, já se vê, apresentou seus conhecidos e íntimos correligionários, e alguns deles da desgraça, que apesar de tudo não conseguem provar a falsa denúncia.

Chamado, apresenta mais testemunhas que vem então combinadinhas, dizerem o que muito bem lhes aprouve, entre elas um irmão do Sampaio, conhecido espancador e por isso já condenado, mas que nas referências feitas no corpo de delito e ouvidas se verificaram falsas, pelo que redundou tanta infâmia e calúnia numa simples polícia correcional ao contrário do que esperavam, que terá o seu epílogo muito breve, convertendo-se o réu que possui documentos autenticados do estôfo real, de que as testemunhas de culpa (três Zés qual deles o melhor, e cada um no seu género), são dotadas, em legítimo acusador de infamantes falsários e ignóbeis caluniadores.

Pretendiam, é certo, recorrendo a todos os meios, os mais baixos de que são susceptíveis, procurar inutilizar-nos, dada a nossa resistência e pertinácia no ataque à obra destruidora e vandálica de semelhante canalha. E para uma pequena amostra vejamos os nossos queridos leitores o que ultimamente, nesta povoação, digna de melhor sorte, se tem desenvolvido: depois de exgotarem,

UMA CARTA

Do nosso ilustre amigo sr. capitão-médico Dr. José Machado Guimarães, recebemos a seguinte:

...Sr. Director do «Ecos de Guimarães»:

Li no último número da «Velha Guarda» uma carta assinada pelo senhor João Baptista Sampaio e eu, na qualidade de presidente da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários desta povoação, para esclarecimento da verdade, venho solicitar-lhe o especial obsequio de, no seu jornal, publicar o seguinte:

É absolutamente verdade ter eu na qualidade de presidente da Associação, chamado por várias vezes, e na presença de testemunhas, o cobrador da Associação, Domingos Magalhães, e por este ter sido dito que as importâncias das cotas cobradas aos sócios respeitantes ao ano de 1925 e 1.º semestre de 1926, foram por ele cobradas e entregues ao então tesoureiro, sr. João Baptista Sampaio. É por esta razão e ainda porque de facto ao tesoureiro é que compete a cobrança (art. 8.º do cap. IV dos estatutos) dos dinheiros da Associação, que descrevi no relatório apresentado para o parecer do Conselho Fiscal e aprovado em Assembleia Geral, a falta dessas quantias.

Mais ainda, no momento em que era lido o relatório na Assembleia Geral e na altura em que se referia a este assunto, o cobrador em voz bem alta confirmou novamente perante essa assembleia que tu-

do tinha entregue ao referido tesoureiro João Baptista Sampaio, sendo realmente de estranhar que encontrando-se este mesmo senhor presente, não tivesse imediatamente refutado o que agora chama «caluniosa afirmação».

Mas a verdade é esta: A cobrança foi efectuada, os recibos assinados pelo sr. Sampaio, dos quais possuo alguns que posso mostrar a quem desejar ver e a Associação continua sem essas importâncias.

Também me cumpre esclarecer que é absolutamente verdade em uma reunião preparatória dos membros da direcção para a elaboração das contas, quando propuz que o dinheiro da Associação fôsse depositado na Caixa Geral dos Depósitos, o sr. Sampaio ter declarado que, além do dinheiro já apresentado (alguns milhares de escudos), havia ainda a acrescentar os juros desse dinheiro por se ter utilizado dêle e que se a direcção concordasse continuaria a utilizar-se dêle pagando os respectivos juros, o que até hoje não fez, a-pesar da direcção ter concordado com essa proposta.

E porque seja adverso a polémicas e mesmo porque entenda o assunto perfeitamente esclarecido, direi por último ao sr. Sampaio que chegará a ocasião de, no lugar competente, lhe serem sacadas responsabilidades, ou ao cobrador.

De V., etc.,

José Joaquim Machado Guimarães Júnior.

e não lhes surtir efeito, o relatório do insulto e da calúnia, lançam-se no golpe de «apache», no fogo posto às barracas camarárias e na demolição de muros de propriedades particulares altas horas da noite. Mesquinhas e rancorosas vinganças, próprias de cafres, que as autoridades deviam rigorosamente investigar, applicando-lhes o correctivo indispensável, não se tornando difícil a descoberta de semelhante confraria.

Mas deixemos este caso às avaridades e vamos ao restante da carta. A Assembleia Geral dos Bombeiros Voluntários effectuou-se no passado dia 20 de Maio, considerando-a ilegal e incompetente o obliquo Sampaio, pois que funcionou já depois de ter sido ordenado pelo Ex.º Sr. Governador Civil um inquérito a fim de se apurarem diversas responsabilidades, etc., etc.

Mais uma vez procura teimar em defender-se mentindo descaradamente, pois que tal e a essa data S. Ex.ª nada tinha determinado, e nem nos consta que até hoje qualquer sindicância fôsse ordenada, o que imensamente nos alegra, e que sabemos o ilustre presidente da direcção ter apresentado essa vontade ao ilustre chefe do distrito. Portanto funcionou a Assembleia legalmente aonde o senhor assistiu e não teve coragem de abrir bico.

Inscrever sócios arranjados ad hoc por processos irregulares e

ilegítimos? É curioso e mesmo fantástico! Os livros e mais pertenças da Associação encontram-se à disposição de quem quer que seja, como muito bem disse o ilustre presidente, e aí se poderá verificar a dupla e insidiosa mentira Baptistina.

Esses sócios inscritos no livro de registro de matrícula, desde Abril, aprovados em direcção por unanimidade, pagaram as suas jotas e cotas inclusivamente adiantadas, e como quer o senhor pretender incutir no espírito de alguém o od hoc?

Ad hoc e abusivamente inscritos foram aqueles seus amigos com data de 1 de Janeiro de 1927, quando se verifica no livro das actas que nem num aia, nem durante o ano de 1926 a direcção reuniu para qualquer assunto, logo impossível a sua aprovação. Mais ainda, um desses nomes inscritos e abusivos é dum cidadão que a essa data se encontrava no Brasil.

Deixe-se portanto de lérias que já não pagam nem arrastam as pessoas que o conhecem de gingeira.

Respeitante às cotas cobradas aos sócios do ano de 1925 e 1.º semestre de 1926, tem a resposta bem clara e incisiva na carta publicada neste mesmo número do ilustre presidente da direcção.

Nós já dissemos o mais que suficiente para elucidação dos leitores, e a verdade é que a Associação continua sem esse dinheiro,

Caldas de Vizela

Bispo de Angra — Vai constituir-se uma grande comissão composta de todas as pessoas de representação da freguesia de S. Miguel de Vizela, a fim de argüir donativos para, com o produto dos mesmos, oferecer ao novo Bispo uma recordação que simbolize a grande estima e alta consideração em que o tem o povo da freguesia que, durante 12 anos, com invulgar competência e virtude pastoreou.

Falecimento — Faleceu no Porto, confortado com todos os Sacramentos da Santa Igreja, o nosso bom amigo, sr. José Miranda Pedrosa, digno empregado principal dos C. de Ferro do N. de Portugal, irmão do também nosso amigo, sr. António Miranda, digno chefe da Estação de Vizela.

Ao sr. António Miranda os nossos sentimentos e bem assim a toda a família em luto.

Mercado — Foi hoje dia de mercado, que esteve pouco concorrido. Os preços do milho, feijão e batata foram respectivamente de 20\$00, 16\$00 e 14\$00.—C.

quer a culpa seja sua, quer seja do cobrador.

Quanto ao ter-se utilizado dos milhares de escudos da Associação aí tem também a resposta:

«Doutor José Joaquim Machado Guimarães Júnior, presidente da Associação dos Bombeiros Voluntários das Taipas, e Francisco de Oliveira, secretário da mesma, afirmam para todos os efeitos que é absolutamente verdade ter o Senhor João Baptista Sampaio, declarado, em reunião preparatória da direcção, ter-se utilizado duns milhares de escudos, mas que pagaria os respectivos juros, nada perdendo com isso a Associação, juros esses que também não foram entregues.»

Que mais quer o senhor da Bouça? Escusado será encomendar o terceiro frete, que apenas lhe causa trabalhos e gastos, por que a porta da nossa casa, neste caso, fecha-se hermeticamente e não lhe dá mais ouvidos.—C.

Quinta — Vende-se

No lugar de Samôça—Santa Maria de Souto, vende-se uma quinta, que produz vinho, cereais, frutas e tem água com abundância.

Para tratar, com Luiz Gonzaga V. Guimarães—Taipas.

Casa Nun'Alvares,

à rua da Rainha, acaba de receber do estrangeiro um grande sortido de livros de missa e outros, próprios para a 1.ª Comunhão, bem como uma grande remessa de estampas religiosas para livro e caixilho. Lindo sortido de caixas de papel estrangeiro para cartas.

CARTEIRA

Aniversários

Fazem anos, durante a semana, as seguintes Ex.^{mas} Senhoras e cavalheiros:

Domingo, 8 — D. Maria José Ribeiro de Meireles Freitas.
 Segunda, 9 — D. Ana Carolina de Magalhães Ferraz, D. Julia Ramos e D. Maria Emilia de Freitas Ribeiro.
 Terça, 10 — D. Maria do Espírito Santo.
 Quarta, 11 — D. Maria Cunha.
 Quinta, 12 — D. Flvira Ribeiro de Faria e D. Emilia Augusta de Castro M. Ribeiro Faria.

E os Senhores:

Domingo, 8 — D. José Ferrão e menino Diogo de Paiva de Faria Leite Brandão.
 Segunda, 9 — Dr. Carlos de Albuquerque.
 Terça, 10 — Dr. Fernando de Matos Chaves e Francisco Faria.
 Quarta, 11 — Coronel João Peixoto de Bourbon Lindoso.
 Sabado, 14 — Dr. Adelino Ribeiro Jorge e Paulo Lobo Machado.

Dêlivrance

Tere o seu bom successo a dedicada esposa do sr. Antonio Gualberto Pereira, dando á luz uma interessante criança do sexo masculino. Os nossos cumprimentos.

Pedro Correia Marques

Esteve nesta cidade tendo-nos dado a honra da sua visita o nosso bom amigo sr. Pedro Correia Marques, illustre redactor principal do nosso presado colega «A Voz».

Antonio Marques da Cunha

Como enviado especial encontra-se entre nós o nosso presado amigo Antonio Marques da Cunha, distinto redactor do importante jornal «Diario de Noticias».

Francisco Guimarães

Em serviço do «Correio do Minho», de que é muito digno administrador, esteve nesta cidade o nosso bom amigo sr. Francisco Guimarães.

O «Correio do Minho» que é hoje um dos jornais mais lidos nesta cidade publicará amanhã domingo um belo numero dedicado a Guimarães.

Avelino Fernandes de Castro

Esteve nesta cidade o nosso presado amigo sr. Avelino Fernandes de Castro, dignissimo farmaceutico na visinha vila de Fafe.

Capitão Colares Vieira

Em serviço da acreditada Companhia de Seguros Fidelidade, encontra-se nesta cidade, o nosso presado amigo e antigo e distinto official do exercito, sr. Antonio Colares Vieira.

Com sua Ex.^{ma} esposa, encontra-se nesta cidade o sr. Francisco Arraia, de Cascais, e benquistado comerciante na capital.

Suas Ex.^{as} são hóspedes do nosso bom amigo, sr. Miguel Ribeiro Guimarães.

‘Ecos de Guimarães,,

Era nosso desejo publicar um numero com 8 páginas, mas, à última hora, fomos forçados a desistir disso em virtude do muito serviço da tipografia.

Remington A rainha das maq.

VIII CENTENÁRIO DA BATA- LHA DE S. MAMEDE

PROGRAMA — DO DIA 8 —

- 9 HORAS — Recepção, no Proposto, às corporações da Póvoa de Varzim, seguindo a sessão de Boas-Vindas na Soc. Martins Sarmiento.
- 10 HORAS — Missa Campal, seguida de uma alocução patriótica por Sua Ex.^a Rev.^{ma} o Sr. Arcebispo Primáz.
- 16 HORAS — Homenagem das crianças das escolas junto da estátua do Fundador da Nacionalidade.
- 18 HORAS — Cortejo Cívico da Parada dos B. Voluntários até ao Castelo, com o seguinte itinerário: Rua Paio Galvão, Praça D. Af. Henriques (poente), Largo Prior do Crato (sul e norte), Toural (nascente), Rua 31 de Janeiro, Rua Conde D. Henrique e Castelo.
- 20 HORAS — Aposição do Colar de Torre e Espada na Bandeira dos Bombeiros Voluntários, na Praça D. Af. Henriques, por S. Ex.^a o Sr. General Craveiro Lopes, delegado do Ex.^{mo} Sr. Ministro da Guerra.
- 22 HORAS — Concêrto, no Jardim Público, pela Banda Regimental de Infantaria 8.

ILUMINAÇÕES — MÚSICAS — FOGO

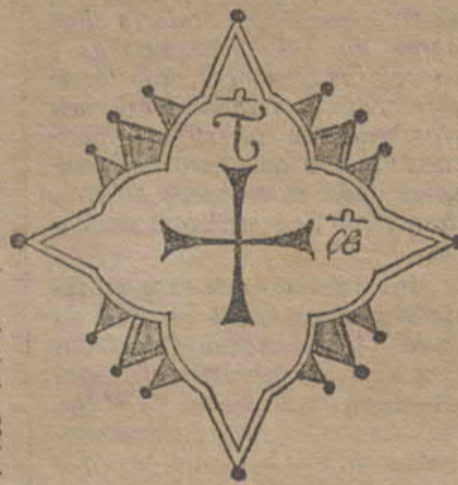


Arrematação

Pelo Juizo de Direito desta comarca de Guimarães e cartorio do 5.º officio, por deliberação dos interessados tomada no inventario orfanologico por obito de Ludovina da Silva ou Ludovina da Costa, viuva, falecida no Asilo Conde de Agrolongo, da cidade de Braga e que morou no lugar de Frades, freguesia de S. Miguel das Caldas, desta comarca, e no qual serve de inventariante a filha Leocadia Pereira da Costa, residente na dita freguesia, vai á praça, no dia 29 do corrente mez, pelas 12 horas, á porta do Tribunal Judicial desta cidade, para ser entregue a quem maior lance oferecer por ele sobre o preço abaixo designado, o seguinte

PREDIO

Uma propriedade composta de uma morada de casas, terras e telhados, com diversos compartimentos, quartos soalhados, cozinha e dois terrenos de horta com arvores de vinho e um poço com bomba de madeira, sita nos



Selo da época de D. Af. Henriques

ditos lugar e freguesia, e que vai á praça pela quantia de 5.000\$00.

Toda a contribuição de registo fica a cargo do arrematante.

Pelo presente são citados quaisquer credores incertos para os termos da arrematação.

Guimarães, 3 de Julho de 1928.

O escriptão do 5.º officio, José Maria Batista Ribeiro. Verifiquei a exactidão:

O Juiz de Direito, Arthur Valente.

NOTICIARIO

Nossa Senh. do Carmo

No dia 7 do corrente, principia, na igreja do Carmo, a novena à Virgem do Carmelo, cuja festividade se celebra no dia 16 do corrente. Este exercicio principiará às 7 horas da tarde.

Festivid. ao C. de Jesus

No próximo domingo, 8, realiza-se, na freguesia de S. Jorge de Selho, uma imponente festividade ao Sagrado C. de Jesus.

Venerável Ordem Terceira de S. Domingos

Tomou, na quarta-feira, posse a nova mesa desta casa de caridade, à frente da qual está o sr. Cónego Alberto da Silva Vasconcelos, muito illustre professor no nosso liceu.

Sr. dos Desamparados

Na Rua Egas Moniz deve realizar-se, em 21 e 22 do corrente, uma festividade em honra do Senhor dos Desamparados, que constará de ornamentação da rua, fogo, aerostatos, um importante basar de prendas sendo abrilhantada pela acreditada Banda dos Guises, que tocará no arraial durante as duas noites.

ANÚNCIO

Misericórdia de Guimarães

Construção do Jazigo do Benfeitor Manuel Francisco Leite

(1.ª Publicação).

Pela Mesa da Misericórdia de Guimarães se anuncia que, até às 11 Horas do dia 6 do próximo Mês de Agosto se recebem na sua Secretaria propostas em carta fechada para a execução duma empreitada respeitante à construção do jazigo do benfeitor Manuel Francisco Leite.

A base de licitação é da quantia de quatro mil cento e setenta e três escudos (4.173\$00).

O depósito provisório, feito previamente na Misericórdia, será da importância de cem escudos (100\$00).

O projecto, medições, orçamentos, condições de arrematação e caderno de encargos estão patententes ao exame dos interessados, nesta Secretaria, em Guimarães, em todos os dias úteis, desde as 10 às 15 horas.

Guimarães e Secretaria da Misericórdia, 5 de Julho de 1928.

O Provedor,

(a) Alfredo Dias Pinheiro